Os "Chapas": Uma Categoria de Trabalho Volante no Contexto Urbano e no Contexto Agrário.

PEDRO MEZGRAVIS[1]

Neste texto, buscaremos estabelecer a relevância do estudo dos "Chapas", um tipo de atividade que pode caracterizar uma nova categoria de trabalho. E uma categoria que se apresenta tanto em cidades do interior do Brasil, tal como São João da Boa Vista/ SP, como metrópoles como São Paulo. Esta presença em dois contextos geográficos considerados por muito tempo como muito diferentes, lança um desafio para pesquisa, o de observar as duas realidades e os dois contextos econômicos. Para tanto, a noção de *Rugosidade*, permitirá a operacionalização do conceito de *Espaço*, ambos no contexto da obra de Milton Santos.

Exatamente por se localizarem em pontos específicos das cidades, é que permite a operacionalização do conceito de Rugosidade. Observados em locais como o Trevo de Prata; em São João da Boa Vista; e a Marginal do Rio Tietê; em São Paulo; nos permitirá pensá-los no processo de *Divisão do Trabalho* e, por conseqüência, a *Formação Sócio-Espacial* das duas cidades e que as contextualiza, ambos os conceitos conforme a obra de Milton Santos.

O esforço de observação e definição dos "Chapas" cria o desafio do modo como pensamos habitualmente as relações cidade-campo, principalmente a relação entre cidades do interior e metrópoles, assim como também habitualmente pensamos as diferentes Divisões do Trabalho que as contextualizam. Temos tendência a considerarmos como consideravelmente opostas as realidades econômicas de cidades do interior e metrópoles, assim como suas Divisões do Trabalho. Habituamo-nos a pensar que cidades como São Paulo e São João da Boa Vista (por exemplo, em função da proposta de pesquisa) teriam Divisões do Trabalho muito diferentes, que não pudessem ser comparadas, ou mesmo que não pudessem apresentar os mesmos tipos de trabalho e trabalhadores.

Antes de constituir uma categoria específica de trabalho volante, existe primeiro o "serviço de chapa". Ou seja, a necessidade em algum momento da *Divisão do Trabalho* deste tipo de serviço, pessoas que realizem o serviço de "chapa". Este serviço surge nos diferentes momentos de transporte e circulação de produtos agrícolas e mercadorias. Nas fazendas, no momento da colheita de vários produtos agrícolas; e na circulação geral de mercadorias e gêneros, quando do transporte para o beneficiamento e/ou local de venda final. Em um contexto agrário, podemos dizer que um bóia-fria (D'INCAO, Maria Conceição. 1976 e 1984; IANNI, Octavio. 1975 e 1977; MARTINEZ-ALIER, Verena. 1975; MENDES, Alexandre Marques. 1997; ROSSINI, Rosa E. 1988) possa realizar um serviço. Porém, não é todo bóia-fria que

[1] Mestrando no Departamento de Geografia Humana da FFLCH-USP, sob orientação de Professora Doutora Rosa Ester Rossini. E-mail: mezgravis@yahoo.com.br

realiza o serviço de "chapa". E nem todo "chapa" é bóia-fria. "Chapa" pode ser uma atividade essencialmente urbana. Um trabalhador urbano, de residência urbana; que realiza trabalhos urbanos, especialmente nas entradas e trevos de acessos das cidades, no transporte de qualquer tipo de mercadoria, de origem agrícola ou não.

O que são os "chapas", como se inserem nos processos sociais, econômicos da sociedade brasileira e do Capitalismo como um todo. Qual é o *Espaço* destes trabalhadores ? Como se inserem no Espaço e como geram seus Espaços. Através da operacionalização dos conceitos: *Divisão do Trabalho, Formação Sócio-Espacial* e *Rugosidade*, buscaremos determinar a relevância do estudo dos "chapas" para a Geografia e para a compreensão da realidade das relações de trabalho, no contexto agrário e urbano brasileiros.

Partiremos da percepção de que *Espaço*[2] é o conjunto indissociável dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações, tanto em uma perspectiva de totalidade da experiência e presença humana sobre a superfície terrestre, principalmente dentro do sistema econômico Capitalista, como das especificidades locais, tais como cidades, grupamentos humanos e realidades específicas sociais e econômicas.

Deste modo, o estudo das diferentes configurações e manifestações da *Divisão do Trabalho*[3] é essencial para o estudo do Espaço. O modo como as relações sociais, econômicas e os objetos presentes; tanto em uma localidade e região quanto a Totalidade do Capitalismo; se constituíram ao longo da História, até o momento presente da investigação e mesmo futura deve ser observada pelo geógrafo, segundo Milton Santos. Observar como se deu a *Formação Sócio-Espacial*[4]; a forma como as relações sociais, econômicas, e a instalação de objetos e apropriação da superfície; se deu ao longo da História é uma perspectiva para a investigação do Espaço.

---

[2] "O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico" (SANTOS, Milton. 2002, página 63).

[3] "A divisão do trabalho pode, também, ser vista como um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente.

Os recursos do mundo constituem, juntos, uma totalidade. Entendemos, aqui, por recurso, a toda possibilidade, material ou não, de ação oferecida aos homens (indivíduos, empresas, instituições). Recursos são coisas, naturais ou artificiais, relações compulsórias ou espontâneas, idéias, sentimentos, valores. É a partir da distribuição desses dados que os homens vão mudando a si mesmos e ao seu entorno. Graças a essa ação transformadora, sempre presente a cada momento os recursos são outros, isto é, se renovam, criando outra constelação de dados, outra totalidade" (SANTOS, Milton. 2002, página 132).

[4] "O interesse dos estudos sobre as formações econômicas e sociais está na possibilidade que eles oferecem de permitir o conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução. O estudo genético permite reconhecer, a partir de sua filiação, as similaridades entre F.E.S.; mas isso não é suficiente. É preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras e, no interior da F.E.S., a apreensão do particular como uma cisão do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações" (SANTOS, Milton. 1977, página 84).

"*Cada lugar, cada subespaço, assiste, como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho. Comentemos duas situações. Lembremo-nos, em primeiro lugar, de que a cada novo momento histórico muda a divisão do trabalho. É uma lei geral. Em cada lugar, em cada subespaço, novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mas sem exceção da presença dos restos de divisões do trabalho anteriores. Isso, aliás, distingue cada lugar dos demais, essa combinação específica de temporalidades, diversas. Em outra situação, consideremos, apenas, para fins analíticos, que, dentro do todo, em uma dada situação, cada agente promove sua própria divisão do trabalho. Num dado lugar, o trabalho é a somatória e a síntese desses trabalhos individuais a serem identificados de modo singular em cada momento histórico*" (SANTOS, Milton. 2002, página 136).

O estudo da realidade nunca deve ser dissociado, nunca apenas as ações ou apenas os objetos, assim como nunca apenas o sistema Capitalista, ou apenas as realidades específicas. Deve-se sempre buscar um movimento de Totalização das várias perspectivas de análise; a Totalidade (como por exemplo o sistema Capitalista, mais específicamente a Globalização), que possui características próprias de realidade e existência, apenas pode ser plenamente observada e estudada considerando-se as realidades locais, específicas. Da mesma forma que as realidades específicas não existem sem a Totalidade. Uma cidade, uma realidade sócio-econômica não podem ser observadas sem o conjunto do Capitalismo, ao mesmo tempo que possuem realidade e características específicas, mas sempre dentro do Capitalismo. Podemos agora dizer a relevância do estudo de áreas específicas para o estudo do Espaço.

A própria Divisão do Trabalho se manifesta em tempos diferenciados, em diferentes temporalidades. A Divisão do Trabalho sofre influência direta das Divisões anteriores, das diferentes configurações dos modos de produção ao longo do tempo e da História[5]. Em função disso, o Espaço é diretamente determinado pelos diferentes temporalidades da Divisão do Trabalho, o estudo das Formações Sócio-Espaciais é também o estudo destas diferentes temporalidades da Divisão do Trabalho em diferentes locais, ou seja, em diferentes Espaços. A Divisão do Trabalho não afeta o Espaço apenas no que se refere às relações de trabalho, mas também o *meio ambiente construído*[6]. A organização física, instalada artificialmente ou

---

[5] "O tempo da divisão do trabalho vista genericamente seria o tempo do que vulgarmente chamamos de Modo de Produção. Aqueles elementos definidores do modo de produção seriam a medida geral do tempo, à qual se referem, para serem contabilizados, os tempos relativos aos elementos mais 'atrasados', heranças de modos de produção anteriores. Visto em sua particularidade – isto é, objetivado – e, portanto, com a sua cara geográfica, o tempo, ou melhor, as temporalidades, conduzem à noção de formação sócio-espacial (...). Nesta, os diversos tempos concorrentes trabalham conjuntamente e todos recobram sua completa significação a partir desse funcionamento e dessa existência conjunta" (SANTOS, Milton. 2002, página 136).

[6] "A divisão social do trabalho é freqüentemente considerada como a repartição (ou no Mundo, ou no Lugar) do trabalho vivo. Essa distribuição, vista através da localização dos seus diversos elementos, é chamada de divisão territorial do trabalho. Essas duas formas de considerar a divisão do trabalho são complementares e interdependentes. Esse enfoque, todavia, não é suficiente, se não levarmos em cona que, além da divisão do trabalho vivo, há uma divisão territorial do trabalho morto. A ação humana tanto

apropriada da Natureza, da Divisão do Trabalho, do trabalho humano, a ocupação que as diferentes Divisões realizam nas diferentes localidades, determinam diretamente, como heranças já instaladas e frutos de investimentos anteriores do Capital, as atuais Divisões. Os elementos físicos construídos, instalados, das atividades humanas e, mais específicamente, as construções e instalações do Capital integram a paisagem das diferentes localidades, das diferentes localizações, e afetam diretamente as atuais e futuras atividades humanas, e investimentos do Capital. Contextualiza-se, então, o estudo das *Rugosidade*[7].

Em pesquisas anteriores (MEZGRAVIS, Pedro. 2000 e 2001), observamos estes trabalhadores no acesso da cidade mais próximo das estradas da região de São João da Boa Vista/SP e, por esta mesma razão, vários estabelecimentos comerciais e industriais se situam nele ou nos arredores. O Trevo de Prata é o local que observamos os "chapas" em São João da Boa Vista. O movimento de caminhões no Trevo envolve não apenas a própria cidade, como a região como um todo, e a maioria das produções industriais, agrícolas e demais mercadorias passam pelo local. Por todas estas razões, o Trevo torna-se um local privilegiado para observarmos o modo como estes trabalhadores se inserem no contexto econômico da cidade.

Diferentemente dos bóias-frias, e dos trabalhadores que ocasionalmente realizam o serviço de "chapa", estes são observados aguardando caminhoneiros nas principais vias de acesso da para guiá-los pela cidade e região, e – principalmente – auxiliá-los nas cargas e/ou descargas de mercadorias. No caso, o trabalho pode ser sozinho ou em grupo, conforme o tamanho da carga, e ele recebe pela tarefa, a ser negociada no momento que o caminhoneiro requisita o serviço. Os caminhoneiros geralmente procuram sempre os mesmos "chapas", na garantia de pegar alguém que agüente o serviço. A necessidade do caminhoneiro de sempre pegar o(s) mesmo(s) "chapa(s)" está embasada no medo da violência que eles; caminhoneiros; estão expostos. A falta de segurança nas estradas e entradas das cidades transformam a atividade de contratar "chapas" em um grande risco. A confiança é fator central e essencial na vida de um "chapa", tanto corporalmente quanto moralmente.

O que estabelece a especificidade do "chapa" é precisamente esta vinculação com a atividade de carga e descarga e a sua importância no transporte de gêneros, e que o serviço e a

---

depende do trabalho vivo como do trabalho morto. O trabalho morto, na forma de meio ambiente construído (*built environment*) tem um papel fundamental na repartição do trabalho vivo. Aliás, as feições naturais do território, cuja influência era determinante no início da história, têm, ainda hoje, influência sobre a maneira como se dá a divisão do trabalho. Formas naturais e formas artificiais são virtualidades, a utilizar ou não, mas cuja presença no processo de trabalho é importante (condicionada por sua própria estrutura interna)" (SANTOS, Milton. 2002, página 139).

[7] "O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos de *rugosidade* ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho" (SANTOS, Milton. 2002, página 140).

figura do “chapa” sejam características de pessoas que são de origem urbana e que realizam tanto trabalho rural, quanto trabalho urbano. Que vários trabalhadores tentaram empregos essencialmente urbanos e foram para a alternativa do trabalho rural (o “chapa” no contexto agrário) e nos acessos da cidade (o “chapa” no contexto urbano). Tal como seus familiares (pais, e mesmo avós), são pessoas que não cumprem requisitos dos trabalhos essencialmente urbanos, como serviço de escritório ou trabalho em fábricas, partem para alternativas de trabalho. As origens rurais, tais como observamos nos estudos dos bóias-frias, possam ser apenas origens históricas, não mais imediatas, serem pessoas de mentalidade e preocupações urbanas.

Para caracterizarmos os “chapas”, é preciso compreender o modo como estão inseridos na realidade de produção local. Ao mesmo tempo que devemos clarificar os diferentes modos de inserção no contexto econômico mais amplo, da realidade econômica do Estado de São Paulo e mesmo nacional.

Para tanto, devemos estabelecer uma comparação entre duas realidades locais consideradas extremamente distintas, mas que apresentam o mesmo tipo de trabalho, realizando as mesmas funções, mas em realidades econômicas consideravelmente distintas, locais e cotidianos distintos, enfim, Espaços distintos.

Propomos, então, a observação e estudo dos "chapas" da cidade de São Paulo (MUG, Mauro. 2002), quais locais ocupam e como se inserem na realidade econômica da metrópole. Podemos, já neste texto, estabelecermos o ponto em comum de São Paulo (ALMEIDA, Eliza Pinto de. 1997 e 2001; SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. 2001; SILVA, Adriana Maria Bernardes. 1996 e 2001) com São João da Boa Vista/ SP, um ponto que permitirá a comparação entre elas: os "chapas" no contexto econômico urbano.

"Se o processo de produção do espaço é um processo de trabalho, as parcelas do espaço global se articulam e se integram a partir do papel que cada uma terá no processo de trabalho geral. A divisão do trabalho se espacializa criando espaços diferenciados não só como cidade de um lado (onde predomina o trabalho industrial e comercial) e campo do outro (onde predomina o trabalho agrícola) como também especializações espaciais dentro de cada atividade: seja industrial, comercial ou agrícola.

Estabelece-se a partir daí uma diversidade de relações com intensidades desiguais que vão produzir o espaço global através da produção de parcelas espaciais menores" (CARLOS, Ana Fani Alessandri e ROSSINI, Rosa Ester. 1983. Páginas 11). O processo de apropriação do espaço será estabelecido pela posição que os homens, enquanto indivíduos, ocupam nas classes sociais e, por conseqüência, os lugares que estes ocupam na sociedade. Qual é o lugar dos “chapas” na nossa sociedade ? Portanto, como os "chapas" estabelecem seu Espaço e qual Espaço estão inseridos ?

Proporemos para o estudo dos “Chapas” a noção de *rugosidade*, como uma perspectiva de análise dos diferentes locais que observaremos esta categoria específica de trabalhadores, assim como *Divisão do Trabalho* para contextualizá-los em sua teoria do *Espaço*.

O conceito de Espaço só se constitui enquanto metodologia de trabalho científico enquanto um conjunto indissociável de sistemas de objetos[8] e sistemas de ações[9]. Enquanto sendo o Espaço um sistema que associa dialeticamente *totalidade*[10] e *totalização* para a plena compreensão do conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações.

Para enfrentarmos com clareza esta complexidade, devemos clarificar que os sistemas de objetos e os sistemas de ações são fatores constituem a Formação Sócio-Espacial. E a Formação Sócio-Espacial é constituída pela Divisão do Trabalho, ou seja, por vários elementos que são ações e são objetos, trabalho vivo e trabalho morto, investimentos do Capital para a apropriação de uma localidade e a transformação das relações entre os seres humanos nesta localidade[11]. Ou seja, a partir da compreensão dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações,

---

[8] “Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que se cria fora do homem e se torna e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade. (...) O enfoque geográfico supõe a existência dos objetos como sistemas e não como coleções: sua utilidade atual, passada, ou futura vem, exatamente, do seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram das gerações anteriores. Seu papel pode ser apenas simbólico, mas, geralmente, é também funcional” (SANTOS, Milton. 2002, páginas 72 e 73).

[9] “A ação é um processo, mas um processo dotado de propósito, segundo Morgenstern (...), e no qual um agente, mudando alguma coisa, muda a si mesmo. Esses dois movimentos são concomitantes. Trata-se, aliás, de uma das idéias de base ou Marx e Engels. Quando, através do trabalho, o homem exerce sua ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa.

A ação é subordinada a normas, escritas ou não, formais ou informais e a realização do propósito reclama sempre um gasto de energia. A noção de atuação liga-se diretamente à idéia de práxis e as práticas são atos regularizados, rotinas ou quase rotinas que participam da produção de uma ordem. Segundo Pagès (...) ‘o conjunto do campo de atividades de cada indivíduo é codificado pelo sistema de regras, do mesmo modo que o seu campo relacional’. A própria escolha e uso da energia que vai mover as ações depende parcialmente das normas,desde a fase inicial das técnicas do corpo, à fase atual das técnicas da inteligência” (SANTOS, Milton. 2002, páginas 78 e 79).

[10] “A noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa idéia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explica-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes. A Totalidade B, ou seja, o resultado do movimento da transformação da Totalidade A, divide-se novamente em partes. As partes correspondentes à Totalidade B já não são as mesmas partes correspondentes à Totalidade A . São diferentes. As partes de A (a^1 a^2 a^3 ... a^n) deixam de existir na totalidade B; é a Totalidade B, e apenas ela, que explica suas próprias partes, as partes de B (b^1 b^2 b^3 ... b^n). E não são as partes a^1 a^2 a^3 ... que se transformam em b^1 b^2 b^3 ..., mas a totalidade A que se transforma em totalidade B” (SANTOS, Milton. 2002, páginas 115 e 116).

[11] “A totalidade é a realidade em sua integridade. Para Wittgenstein, no *Tractus*, a realidade é a totalidade dos estados de coisas existentes, a totalidade das situações. A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento. No seu livro *Origem da Dialética*, L. Goldmann (...) nos diz que a totalidade é o ‘conjunto absoluto das partes em relação mútua’. É assim que a totalidade evolui ao mesmo tempo para tornar-se outra, e continuar a ser totalidade” (SANTOS, Milton. 2002, páginas 116 e 117).

podemos captar a Totalidade, o complexo da realidade, tanto do sistema econômico completo, como de um país, de um Estado, de uma cidade e mesmo de uma localização específica.

Por outro lado, o complexo da realidade é composto também pelas partes específicas que a constituem, e o modo como são formadas, constituídas, enquanto especificidades, nos permite também compreender a Totalidade, desde que consideremos a somatória das diferentes especificidades. A sobreposição de diferentes Divisões do Trabalho em uma mesma localização, são partes específicas com características próprias, e consideradas em uma somatória, nos permite compreender uma realidade ainda em construção, uma Totalidade construção que só pode ser observada plenamente enquanto em Totalização. *"A totalidade estruturada é, ao mesmo tempo, uma totalidade 'perfeita', acabada, um resultado e uma totalidade* in-fieri*, em movimento, um processo. Em outras palavras, devemos distinguir a totalidade produzida e a totalidade em produção, mas as duas convivem, no mesmo momento e nos mesmos lugares. Para a análise geográfica, essa convergência e essa distinção são fundamentais ao encontro de um método"* (SANTOS, Milton. 2002, página 119).

Considerando-se para o estudo dos "chapas" a observação destes trabalhadores em duas cidades de realidades consideradas muito diferentes, de Formações Sócios-Espaciais tão diferentes quanto São João da Boa Vista/SP e São Paulo, o encaminhamento metodológico da definição do Espaço destes trabalhadores, em tais diferentes Espaços, deve ser feito considerando-se as especificidades em que estão inseridos.

A Totalidade será a Formação Sócio-Espacial, com especial cuidado com a Divisão do Trabalho que os contextualize. Serão formas de Totalidade as Formações Sócio-Espaciais de São João da Boa Vista/SP e São Paulo, em especial as suas Divisões do Trabalho. Por outro lado, esta realidade ainda está em constituição, pois a Totalidade ainda está sendo feita, não é algo estanque e terminada. A observação de Rugosidades específicas; tais como o Trevo de Prata em São João da Boa Vista/SP, e a Marginal do Rio Tietê em São Paulo; enquanto manifestações passadas da Divisão do Trabalho e que são apropriadas no presente, influenciando a atual Divisão, ou seja, a Totalização será operacionalizada pelas diferentes Rugosidades, como localizações precisas relevantes nas duas Formações Sócio-Espaciais, para nos permitir a observação e definição dos "Chapas".

A presença dos "chapas" nos dois Espaços – São João da Boa Vista/SP e São Paulo – e o modo como eles apropriam e geram seus próprios Espaços - como atores da Totalidade – são integrantes de diferentes momentos, tanto da própria Divisão do Trabalho, quanto da própria História que contextualiza essa Totalidade, tanto deles trabalhadores quanto das cidades e das

Rugosidades. Serão os *Eventos* que permitirão claramente caracteriza-los, tanto suas presenças no Espaço, quanto na geração de Espaço destes trabalhadores[12].

Bibliografia

ALMEIDA, Eliza Pinto de. 1997. *"O Espaço Transformador"* In: Experimental, número3, Setembro de 1997. São Paulo: Publicação do Programa de Pós-Graduação em Geografia; Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental. Departamento de Geografia; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo; Humanitas Publicações FFLCH/USP.

ALMEIDA, Eliza Pinto de. 2001. *"Refuncionalização Da Metrópole No Período Técnico-Científico-Informacional E Os Novos Serviços"*. In: **SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. 2001**. O Brasil: Território E Sociedade No Início Do Século XXI. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record

BAPTISTELLA, Celma da Silva. 1998. Colhedores De Laranja Na Indústria Paulista. São Paulo. FFLCH/USP. 157 p. (Dissertação de Mestrado).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. 1979. Reflexões Sobre O Espaço Geográfico. São Paulo, FFLCH/USP, 119 p. (Dissertação de Mestrado).

CARLOS, Ana Fani Alessandri e ROSSINI, Rosa Ester. 1983. *"População E Processo De Estruturação Do Espaço Geográfico"* In: Revista Do Departamento De Geografia, número 2. São Paulo. FFLCH/USP.

D'INCAO, Maria Conceição. 1984. A Questão do Bóia-Fria. São Paulo: Brasiliense.

D'INCAO, Maria Conceição. 1976. O "Bóia-Fria": Acumulação e Miséria. Petrópolis: Vozes.

DURKHEIM, Émile. 1995. As Regras Do Método Sociológico. Tradução de Paulo Neves. Revisão da tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Editora Martins Fontes. Coleção Tópicos.

---

[12] "Se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo.
(...)
São os eventos que criam o tempo, como portadores da ação presente (...). Ou, como escreve H. Focillon (...), o evento é uma noção que completa a noção de momento.
(...)
Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória.
(...)
Na verdade, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características" (SANTOS, Milton. 2002, páginas 144, 145 e 146).

ELIAS, Denise. 1996. Meio Técnico-Científico-Informacional E Urbanização Na Região de Ribeirão Preto. São Paulo. FFLCH/USP. 294p. (Tese de Doutorado).

IANNI, Octavio. 1977. *"As Relações De Produção Na Agricultura"*. In: Seleção De Textos, número 2, junho de 1977 (separata). São Paulo: AGB.

IANNI, Octavio. 1975. Sociologia E Sociedade No Brasil. São Paulo. Alfa-Omega. Biblioteca Alfa-Omega de Ciências Sociais. Série Primeira. Sociologia, volume 4.

MARTINEZ-ALIER, Verena. 1975. *"As Mulheres Do Caminhão De Turma"*. In: Debate & Crítica. Revista quadrimestral de Ciências Sociais. São Paulo. Hucitec, março de 1975, número 5.

MARTINS, José de Souza. 1979. O Cativeiro Da Terra. São Paulo. Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. Coleção Brasil Ontem e Hoje, volume 6.

MARTINS, José de Souza. 1978. *"As Coisas No Lugar (Da ambigüidade à dualidade na reflexão sociológica sobre a relação cidade-campo)"*. In: Revista SBPC Ciência E Cultura. São Paulo. Sociedade Brasileira Para O Progresso Da Ciência, volume 30, número 1, janeiro de 1978.

MARTINS, José de Souza. 1980. Expropriação E Violência (a questão política no campo). São Paulo. Editora Hucitec. Coleção Ciências Sociais. Série Linha De Frente.

MARTINS, José de Souza. 1988. Não Há Terra Para Plantar Neste Verão (o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo). Segunda Edição. Petrópolis. Editora Vozes.

MARX, K. e ENGELS, F. In: FERNANDES, Florestan (organizador) 1989. Marx, Engels. História. Tradutores: Florestan Fernandes, Viktor von Ehrenreich, Flávio René Kothe, Régis Barbosa e Mário Curvello. São Paulo. Editora Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, volume 36.

MENDES, Alexandre Marques. 1997. O Conflito Social De Guariba. 1984-1985. Franca. Faculdade de História, Direito e Serviço Social/UNESP (dissertação de Mestrado).

MEZGRAVIS, Pedro. 2000. Vidas Que 'Escapam': Os Trabalhadores Rurais Do Nordeste Do Estado De São Paulo. São Paulo. Relatório Final de Pesquisa Com Bolsa PIBIC/ CNPq Pelo Departamento de Antropologia da FFLCH - USP.

MEZGRAVIS, Pedro. 2001. Os "Chapas":O Trabalho Intermitente Urbano Na Agricultura. Estudo De Caso: São João Da Boa Vista. São Paulo. Relatório Final de Pesquisa Com Bolsa PIBIC/ CNPq Pelo Departamento de Antropologia da FFLCH - USP.

MUG, Mauro. *" 'Chapas' Disputam Cargas E Caminhões"*. In: O Estado De S. Paulo. Caderno Cidades. São Paulo. O Estado de S.Paulo. 20 de julho de 2002. Página C3.

ROSSINI, Rosa E. 1988. Geografia E Gênero: a mulher na lavoura canavieira paulista. São Paulo, FFLCH/USP. 348 p. (Tese de Livre-Docência).

SANTOS, Milton e SILVEIRA, María Laura. 2001. O Brasil: Território E Sociedade No Início Do Século XXI. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record.

SANTOS, Milton. 2002. Por Uma Geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica. São Paulo, EDUSP. Coleção Milton Santos 2.

SANTOS, Milton. 1979. Espaço E Sociedade (Ensaios). Petrópolis: Editora Vozes.

SANTOS, Milton. 2002. A Natureza Do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo, EDUSP. Coleção Milton Santos I.

SILVA, Adriana Maria Bernardes. 1996. *"O Fato Metropolitano Na América Latina: Flexibilidade Em Tempos De Rigidez"* In: **CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.)**. Ensaios De Geografia Contemporânea Milton Santos: Obra Revisitada. São Paulo: Editora Hucitec.

SILVA, Adriana Maria Bernardes. 2001. A Contemporaneidade de São Paulo. Produção de informações e novo uso do território brasileiro. São Paulo. FFLCH/USP. 283 p. (Tese de Doutorado).

SILVA, José Graziano da. 1985. O Que É Questão Agrária. Décima Primeira Edição. São Paulo. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, volume 18.

SZMRECSÁNYI, Tamás e QUEDA, Oriowaldo (organizadores). 1972. Vida Rural E Mudança Social (leituras básicas de sociologia rural). São Paulo. Companhia Editora Nacional. Coleção Biblioteca Universitária, Série Segunda, Ciências Sociais.